




REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO BRASIL***CONTEMPORARY REFLECTIONS ON LITERARY READING IN BRAZIL***

Isabel Cristina Félix da Silva¹ - IFRN 
Verônica Maria de Araújo Pontes² - IFRN 
Maria Carmem Silva Batista³ - UERN 

RESUMO

Esse artigo traz reflexões em torno da leitura literária levando em conta a leitura enquanto um ato fundamental para o desenvolvimento e formação do indivíduo em seus mais variados aspectos que incluem além da linguagem, ato reflexivo e crítico fundamental ao exercício da cidadania e formação integral. Discutimos ainda dados avaliativos do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e da pesquisa Retratos de leitura que nos trazem informações importantes em torno do perfil leitor do nosso estudante brasileiro e direcionamos à reflexão sobre ações e estratégias possíveis de serem adicionadas ao ensino na tentativa da formação do leitor literário. Para isso baseamo-nos em autores como Kleiman (2008), Batista (2023), Pontes (2020), Balça e Pires (2012), entre outros diálogos que nos esclarecem acerca da educação literária, conceitualização de leitura e o PNLD enquanto política pública que colabora nessa formação leitora.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; PNLD; Leitor; Ensino.

ABSTRACT

This article brings reflections on literary reading, taking into account reading as a fundamental act for the development and formation of the individual in its most varied aspects that include, in addition to language, a reflective and critical act fundamental to the exercise of citizenship and integral formation. We also discuss evaluative data from the International Student Assessment Program (PISA) and the Reading Portraits survey that bring us important information regarding the reading profile of our Brazilian student and we direct reflection on possible actions and strategies to be added to teaching in an attempt to formation of the literary reader. For this we are based on authors such as Kleiman (2008), Batista (2023), Pontes (2020), Balça and Pires (2012), among other dialogues that enlighten us about literary education, conceptualization of reading and the PNLD as a public policy that collaborates in this reading training.

KEYWORDS: Reading; PNLD; Reader; Teaching.

¹Mestra em Ensino pelo Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Professora da rede municipal de educação - Mossoró. Email: isabelcfsa@educacao.prefeiturademossoro.com.br.

²Doutora em Educação pela Universidade do Minho - Portugal. Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/IFRN/UFERSA) e do Doutorado em Ensino (RENOEN/IFRN). Email: veronicamaria@gmail.com.

³Doutora em Letras (PPGL) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Faculdade de Educação (UERN). Coordenadora do grupo de pesquisa GEPELT (UERN). Email: mariacarmem@uern.br.

INTRODUÇÃO

A formação do leitor literário é um processo complexo e enriquecedor que começa cedo na vida de uma criança e desempenha um papel vital na sua jornada intelectual e emocional. Nesse contexto, as obras de literatura infantil recomendadas pelo Programa Nacional do Livro Didático e obras literárias (PNLD) assumem uma posição central e estratégica, sendo, pois, uma iniciativa do Governo Federal do Brasil que visa disponibilizar materiais didáticos, como livros e recursos pedagógicos, para estudantes e professores das escolas públicas de todo o país.

No intuito de situar estudos e análises que possam compreender as potencialidades da aquisição em larga escala e distribuição gratuita de livros didáticos, compreendemos a literatura infantil como objeto que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades de leitura, compreensão textual e apreciação da narrativa. Além disso, ela oferece uma oportunidade única para explorar temas complexos de maneira acessível e envolvente. Sendo assim, as obras selecionadas pelo PNLD Literário são escolhidas pela sua capacidade de encantar e inspirar crianças de todas as idades para a promoção da formação leitora, nosso objeto de estudo para este artigo.

Nesta conjuntura, salientamos que a formação do leitor literário é um processo multifacetado que envolve o desenvolvimento de habilidades de leitura, a construção de um repertório literário e a promoção de uma apreciação profunda e significativa da literatura. Essa formação começa desde a infância e continua ao longo da vida de um indivíduo. Sendo assim, a exposição da literatura deve começar na primeira infância, por meio de livros infantis e histórias contadas pelos pais – isso cria um ambiente propício para o interesse pela leitura, apresenta uma variedade de gêneros literários, desde contos de fadas até poesia, ficção científica e clássicos da literatura e, sobretudo, amplia os horizontes literários do leitor.

Entendemos que conversas sobre livros e histórias são fundamentais para a compreensão e apreciação da literatura. Discussões em sala de aula, clubes de leitura e conversas em família ajudam a desenvolver uma compreensão mais profunda das obras – também se faz válido incentivar a análise crítica das obras literárias, explorando temas, personagens e contextos, ajudando a desenvolver habilidades de pensamento crítico e aprofundando a compreensão leitora das crianças.

Nossa realidade leitora permite inferir que a literatura é uma janela para diferentes culturas e perspectivas. A exposição a autores e obras de diferentes partes do mundo enriquece a compreensão do leitor sobre a diversidade cultural. Assim, fomentar o prazer pela leitura é fundamental. Em contraponto, a pesquisa *Retratos de Leitura*, mostra que se tem perdido leitores e que, nesse sentido, cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019 não sentem mais aptidão pela prática de leitura. Os leitores literários que, frequentemente, são denotados como aqueles que encontram encantamento e alegria na leitura, o que os motiva a continuar explorando novos livros e autores, muitos estão usando o tempo livre para assistir televisão, assistir filmes ou vídeos em casa, escutar música ou rádio, usar a *Internet*, *WhatsApp* e redes sociais.

Em face dessa contextualização, formulou-se a questão norteadora desta pesquisa que consiste em: Como o PNLD literário pode ajudar na formação leitora de crianças da educação infantil?

Na certeza de que a formação do leitor literário é um processo contínuo e pessoal, influenciado pela experiência individual de cada leitor, é irrefutável que ela contribui para o desenvolvimento intelectual, emocional e cultural, permitindo que os leitores explorem mundos imaginários, compreendam a complexidade humana e enriqueçam suas vidas por meio das

palavras escritas. Nisto, tem-se a crença de que a seleção rigorosa de obras literárias contribui para a formação leitora.

Estruturalmente discorremos acerca da Leitura Literária na Escola abordando reflexões contemporâneas com fundamentação teórica em Kleiman (2008), Batista (2015; 2023), Pontes (2021) entre outros diálogos pautados em dados do PISA e Retratos de Leitura no Brasil. Em seguida, trazemos indagações importantes sobre Educação Literária e o que realmente ela é, além de discorremos sobre o Leitor Literário e a construção de sua identidade.

Ao mergulhar na exploração da formação do leitor literário por meio das obras de literatura infantil do PNLD Literário, descobrimos como esses livros desempenham um papel crucial na construção de leitores ávidos, críticos e apaixonados pela literatura desde a infância, abrindo portas para um mundo de conhecimento, imaginação e descoberta.

A LEITURA LITERÁRIA ESCOLAR: Reflexões contemporâneas

Ler é um ato de fundamental importância para o desenvolvimento e formação do indivíduo, pois contempla os mais variados aspectos que vão desde a linguagem, sensibilidade, emoção, criticidade e exercício da reflexão que são essenciais para as diferentes aprendizagens. É através da leitura que nos apropriamos de um vasto conhecimento sobre diferentes lugares, que descobrimos um universo de culturas e saberes, sem necessariamente sairmos do lugar.

De acordo com Kleiman (2008), são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante o processo de leitura. Inicia-se com o conhecimento linguístico que acontece quando o leitor compreende, atribui e produz significados ao texto. Dessa forma, pensar a relação entre a escola e a leitura é com certeza fator preponderante para formar leitores nesse espaço formal de desenvolvimento.

No entanto, sabemos dos grandes desafios do processo ensino-aprendizagem e do processo de atribuição de significados à leitura realizada na escola, o que é possível de ser verificado nas diversas avaliações e pesquisas realizadas tanto no nosso país como no contexto internacional.

Essas pesquisas, de uma forma geral, divulgam constatações em torno das faltas de desenvolvimento das habilidades básicas para uma compreensão leitora em crianças em idade escolar nos anos iniciais de estudo com causas que são diversas desde a desmotivação ocasionada pela mediação realizada neste espaço de aprendizado que é a escola.

Para iniciarmos a discussão em torno dos dados de avaliação em torno da leitura, trazemos o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) que avalia estudantes brasileiros e de 81 países nas áreas de: leitura, ciências e matemática. Essa avaliação foi realizada, em sua última edição de 2022, com 10.798 sujeitos na faixa etária de 15 anos de idade e traz constatações importantes sobre como se encontram os alunos nas redes públicas e privadas de 599 escolas nas três grandes áreas de estudo.

Em leitura, matemática e ciências, desde 2018, o Brasil tem alcançado uma baixa proficiência quando comparado com os outros países que participaram dessa avaliação. Na última edição da pesquisa que aconteceu em 2022, foi revelado que 73% dos estudantes brasileiros, com 15 e 16 anos de idade, ficaram com uma média abaixo do nível 2 de proficiência em matemática, sendo esse nível considerado como o padrão mínimo para que os jovens possam exercer plenamente sua cidadania, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Apenas 1% desses estudantes atingiu alto desempenho em matemática, ou seja, somente esses atingiram o nível pretendido de proficiência - nível 5.

Em Ciências, o desempenho médio brasileiro foi de 403 pontos, resultado inferior às médias do Chile, Colômbia e Uruguai, o que constata que o Brasil, na América do Sul, ficou em último lugar na escala, empatando com Argentina e Peru. Nessa área 55% dos sujeitos avaliados classificaram-se abaixo do nível 2, e apenas 1% atingiu o nível 5, observando que a taxa de baixo desempenho em ciências, dos países participantes, corresponde a 24% e a de alto desempenho 7%.

Em Leitura, o Brasil teve o desempenho médio de 410 pontos, sendo essa média inferior ao Chile e ao Uruguai, levemente superior à média da Argentina e estatisticamente empatado com a Colômbia e o Peru. 50% dos brasileiros tiveram baixo desempenho nessa área e ficaram abaixo do nível 2, o que significa dizer que esses estudantes não atingiram o mínimo de proficiência leitora que todos os jovens devem adquirir até o final do ensino fundamental, correspondente à identificação de informações explícitas em um texto. Apenas 2% dos brasileiros avaliados atingiram o nível alto de desempenho em leitura.

Falando ainda em leitura, o PISA avalia se os alunos participantes desenvolveram a habilidade de compreender a informação principal de um texto e fazer uma análise crítica do que estão lendo, relacionando essa informação e/ou conhecimento à vida, evidenciando assim, a função social da língua, por exemplo.

Esses dados avaliativos possibilitam-nos refletir sobre a aprendizagem escolar e, também sobre a efetivação dos nossos estudantes como seres ativos, participantes da sociedade em que vivem como cidadãos críticos e reflexivos que devem ser, afinal a escola forma para a compreensão dos conhecimentos, disciplinas e áreas, assim como para a atuação plena no exercício cotidiano do fazer no trabalho e na vida adulta.

Se compararmos esses dados por dependência administrativa, na área de leitura, veremos que as escolas particulares estão acima da média da OCDE com pontuação de 500 e as federais estão com uma pontuação de 474, acima da média nacional. Já as escolas públicas estaduais (402) e municipais (331) encontram-se aquém da média nacional (410), o que pode ser verificado na figura 1.

Figura 1 - Média do PISA em leitura por dependência administrativa

Dependência administrativa	N	%	Média
Particular	1.437	13,3	500
Federal	429	4,0	474
Estadual	7.949	73,6	402
Municipal	983	9,1	331
Brasil	10.798	100	410

Fonte: INEP com base em OCDE (2022).

Analisando os dados por região constatamos que o desempenho médio das regiões Sul (427), Sudeste (420) e Centro-Oeste é maior do que o índice nacional. As regiões Norte (382) e Nordeste (392) são inferiores à média brasileira, conforme podemos verificar na figura a seguir.

Figura 2 - Dados do PISA de cada região

Região	N	%	Média
Sul	1.570	14,0	427
Centro-Oeste	886	8,4	424
Sudeste	4.382	40,5	420
Norte	1.008	8,3	382
Nordeste	2.952	28,9	392
Brasil	10.798	100	410

Fonte: INEP com base em OCDE (2022).

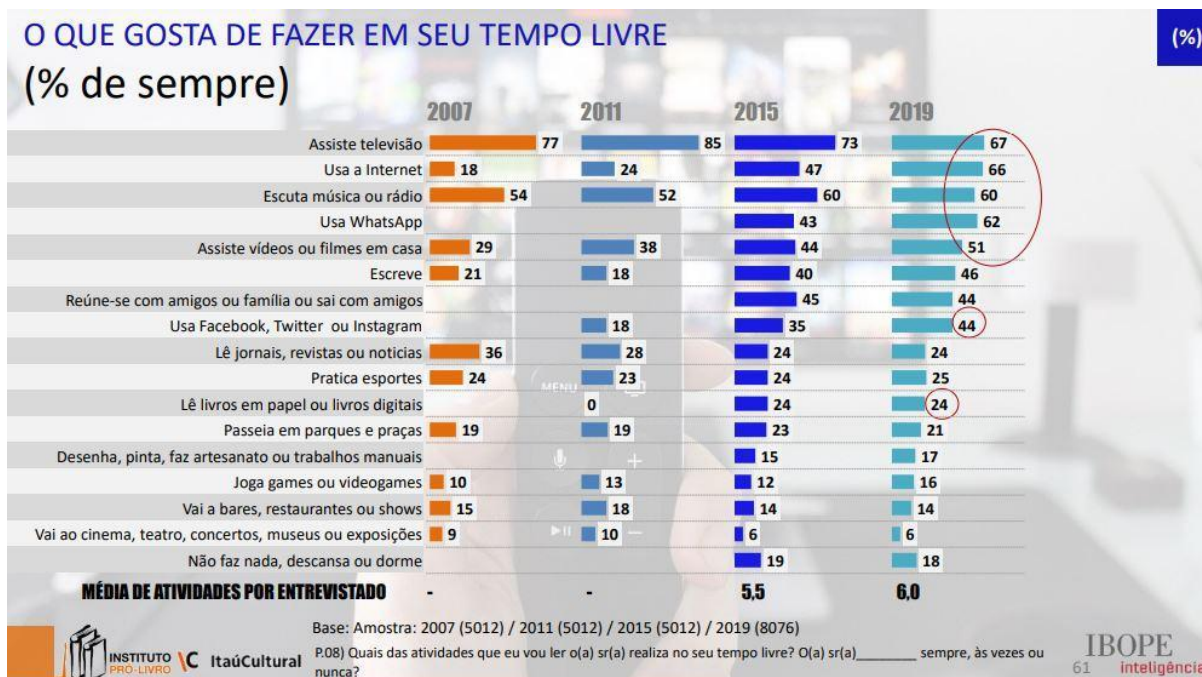
Todos esses dados são preocupantes e evidenciam que o desempenho do Brasil está bem abaixo do esperado no ranking das três áreas analisadas, e mais especificamente, quando constatamos que o nível de aprendizado alcançado por nossos alunos de 15 e 16 anos é inferior ao esperado para essa faixa, correspondendo ao aprendizado esperado para alunos de 11 e 12 anos de idade que estão ainda no ensino fundamental.

Esse panorama da nossa realidade educativa é preocupante, tendo em vista que o PISA busca avaliar as habilidades e as competências esperadas para os jovens estudantes ao final do ensino fundamental que são essenciais para a vida social e econômica. Dessa forma, os dados obtidos por nosso país deixam subentendido a necessidade de mudanças nas políticas públicas voltadas para a educação, por exemplo, visto que o desempenho escolar brasileiro corresponde às mudanças na estrutura física, formação docente continuada, manutenção predial, custeio, o que requer investimento e gastos no ensino público e em suas demandas e atuação social.

Outros dados relacionados à leitura e à formação leitora no Brasil dizem respeito à pesquisa Retratos de Leitura que avalia o comportamento do leitor do brasileiro, retratando alguns aspectos negativos em relação ao leitor brasileiro. De acordo com a última edição, 2019, no Brasil existem cerca de 100 milhões de leitores, que compõem 52% da população. Esses leitores são, em números absolutos, não estudantes (61,2 milhões), da classe C, D e E (70 milhões) e de renda familiar entre um e cinco salários mínimos (76,3 milhões). E quando olhamos em termos de porcentagens, é maior o número de leitores entre os que possuem Ensino Superior (68%), da classe A e B (67 e 63%, respectivamente), e de renda familiar de mais de 10 salários mínimos (70%).

A pesquisa Retratos de Leitura revela que estamos perdendo leitores e que houve uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019. Mostra também que os leitores têm usado o tempo livre para assistir televisão, assistir filmes ou vídeos em casa, escutar música ou rádio, usar a *Internet*, *WhatsApp* e redes sociais, conforme verificamos na figura 3.

Figura 3 - Tempo livre



Fonte: Instituto pró-livro (2019).

Interessante compreender que a falta de tempo (47%) foi o principal fator indicado pelos leitores para a não-leitura. Entre os não-leitores, as principais causas estão relacionadas à falta de tempo (34%). Entretanto, sempre que o tempo aparece, as pessoas, principalmente da classe superior, usam para estarem nas redes sociais e não para leitura ou prazer, ou seja, o tempo que sobra para os pesquisados eles utilizam para acessarem as redes sociais.

Segundo Batista (2023 p. 48):

Afinal, sabemos que hoje é cada vez mais evidente as mudanças que ocorrem na educação e a necessidade delas para o desenvolvimento integral do nosso educando, pois o crescimento do uso das tecnologias e sua constante presença em nossas escolas têm revelado que o ensino, especialmente através da leitura, tem necessitado de maiores adaptações, principalmente na metodologia.

A utilização das redes sociais nas horas livres está relacionada ao acesso e ao uso das tecnologias em nosso mundo atual, que requer mudanças na forma de ser e agir no processo educativo e, principalmente, em sala de aula, compreendendo que o ensino está atrelado ao mundo tecnológico, e as diversas formas de acesso virtual também permitem acesso ao mundo literário, resta-nos enquanto professores estarmos atentos às plataformas que nos direcionam para a leitura digital, obras literárias diversas que se apresentam de maneira visual e auditiva.

A pesquisa atesta também que a única faixa etária que apresentou aumento no número de leitores foi a de 5 a 10 anos de idade: passou de 67% (2015) para 71% (2019). Nossas crianças são as que leem mais, leem mais livros de literatura, por vontade própria e com mais frequência. Na contramão temos as faixas etárias de 14 a 17 anos e de 18 a 24 anos que apresentam o maior percentual de queda de leitores, 8 pontos percentuais.

De acordo com Pontes (2012), a escola tem como função primordial fazer uso da leitura e da escrita para sistematizar o saber e compreender os sujeitos sociais envolvidos no processo,

ou seja, a instituição escolar é a responsável pelo desenvolvimento e formação leitora sem mecanizar o processo, mas sempre despertando o prazer e o encantamento literário.

Nesse pensar e inter-relacionando com os dados de Retratos de Leitura podemos compreender que as crianças, na faixa etária, mostrada pela pesquisa, que vai dos 05 aos 10 anos tem demonstrado interesse delas pela leitura e o número maior de leitores, possibilita-nos entender que, como afirma Batista (2015, p. 21): “a leitura é um processo ativo e de constante interação e criação entre o leitor e o texto, exigindo assim um leitor ativo”. Ainda para a autora, “inserir nossas crianças no mundo da leitura transcende o simples ato de apresentação do indivíduo às letras é antes de tudo conduzi-lo a uma compreensão dos significados mediatizados pelo texto”. Por se tratar de um processo complexo de ação e reflexão contínuo, acreditamos ser a escola, através do professor, o melhor lugar para se formar leitores.

Sobre a motivação para ler, 48% dos leitores entre 5 e 10 anos de idade indicam o gosto pela leitura como principal fator. Esse percentual vai diminuindo significativamente, chegando aos 17% na população entre 18 e 24 anos. A partir dessa faixa etária, passam a apontar o crescimento pessoal e a atualização cultural ou conhecimento geral como motivos para a leitura, conforme podemos ver na figura 4.

Figura 4 - Motivação para ler

PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO
por Faixa Etária

(%)

2019	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	70 e mais
Base: Leitores	4270	437	255	388	587	398	760	581	739	125
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17
Atualização cultural ou Conhecimento geral	13	4	9	10	14	14	16	15	16	16
Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade	11	13	18	18	13	16	7	6	8	18
Motivos religiosos	9	2	1	2	5	6	12	12	20	23
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0
Atualização profissional ou exigência do trabalho	4	0	1	1	9	5	7	7	3	1
Não sabe/Não respondeu	1	4	0	1	0	0	0	1	1	5



P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler? Escolha somente uma opção.



Fonte: Instituto pró-livro (2019).

Os dados apresentados em torno da motivação leitora fazem-nos refletir e relacioná-los com a ideia de que a escola, inicialmente, envolve e conquista leitores principiantes em sua formação, tendo em vista a necessidade imediata de ensinar a ler e a escrever como sustentáculo básico da instituição escolar, promovendo o contato prazeroso entre leitor e obra literária. Para Pontes (2021, p. 17):

A relação da leitura com a escola é constante e fundamental, visto que entendemos a escola como uma instituição responsável pela formação e pelo desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura. É da escola a responsabilidade pelo ensino da leitura e da escrita, e é nela que o acesso

aos saberes e aos conhecimentos diversos é dinamizado, democratizado e possibilitado. Sendo assim, a leitura na escola deve ser prática constante dos profissionais que nela atuam.

Dessa forma, a escola deve envolver as crianças, na faixa etária apresentada, neste processo de compreensão leitora e gosto por ela, proporcionando a mediação do leitor com o texto e do texto com o leitor. Dos 5 aos 10 anos a criança encontra-se da educação infantil ao ensino fundamental e é evidente a necessidade da escola de fazer com que a criança tenha contato com a leitura via as obras literárias, principalmente as que são disponibilizadas pelo Plano Nacional de Leitura e do Material Didático (PNLD).

O PNLD distribui obras literárias avaliadas e classificadas para toda a rede de ensino fundamental, a partir das escolhas feitas pelos professores em um catálogo próprio com os títulos sugeridos e avaliados.

A distribuição dos livros é feita por meio de um contrato entre o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), que leva os livros diretamente da editora para as escolas. Essa etapa do PNLD conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das Secretarias Estaduais de Educação. Os livros chegam às escolas entre outubro do ano anterior ao atendimento e o início do ano letivo. Nas zonas rurais, as obras são entregues nas sedes das prefeituras ou das secretarias municipais de educação, que devem efetivar a entrega dos livros.

Para receber os livros didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é necessário que a escola pública participe do Censo Escolar do INEP e que a rede à qual está vinculada ou a escola federal tenham feito adesão formal ao programa, conforme preconiza as resoluções previstas em lei. É importante ressaltar que a adesão deve ser atualizada sempre até o final do mês de maio do ano anterior àquele em que a entidade deseja ser atendida.

Dentre as motivações para ler, a partir dos 10 anos de idade, os sujeitos pesquisados destacam: gosto, distração e aprender algo novo, o que não chega a ser algo inusitado ou preocupante, visto que o gosto e distração está diretamente relacionado ao prazer e encantamento que a leitura literária evoca, assim como a aprendizagem de algo novo, o que constantemente pode ser visto nas obras lidas. O que é preocupante é o fato de que a escola não tem conseguido mediar essa relação leitor-livro, visto que a motivação existente nesses sujeitos já é fator preponderante para acontecer o envolvimento do leitor com o texto e conseqüentemente novos leitores poderão ser formados quando acontecer a mediação nos diversos espaços de leitura como, por exemplo, no contexto escolar.

Dessa forma, é de extrema importância discutir o papel da escola mediante a perspectiva de uma formação leitora, visto que é nesse espaço que socializamos, construímos e reconstruímos os saberes e conhecimentos essenciais ao desenvolvimento e a formação de nossas crianças.

De acordo com Pontes (2021) a escola tem como função primordial fazer uso da leitura e da escrita para sistematizar o saber e compreender os sujeitos sociais envolvidos no processo, ou seja, a instituição escolar é a responsável pelo desenvolvimento e formação leitora sem mecanizar o processo, mas sempre despertando o prazer e o encantamento literário.

Na tentativa de superação e alcance de objetivos educativos mais amplos, assim como uma aprendizagem mais eficaz e capaz de formar cidadãos reflexivos e capazes de compreender as diversas áreas de conhecimento necessárias ao convívio no mundo social e tecnológico atual, o Brasil tem investido 520 bilhões, equivalente a 5,2% do Produto Interno Bruto (PIB) na área de educação.

O comprometimento político e a ampliação de projetos, medidas e políticas educativas elaboradas, implementadas por nossos governos federais, estaduais e municipais poderá fazer avançar a educação, o conhecimento e formar assim, leitores capazes de ler compreendendo o que é lido com reflexão e análise crítica.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA: O QUE É?

Já vimos que a leitura deve ser trabalhada desde cedo, atendendo as necessidades dos leitores para uma compreensão além dos livros, possibilitando uma real interação entre leitor-texto e as suas vivências práticas a partir da realidade de quem lê. Afinal, o sujeito leitor vive cercado pelo mundo da leitura e desde a infância, necessita desenvolver a prática de leitura para compreender melhor o mundo que o cerca, mesmo sem conhecer e dominar palavras e construções frasais, visto que a ansia e o desejo de compreender o contexto em que vive, é inato ao ser humano que sempre busca adquirir novos saberes, novos conhecimentos.

Esse desejo por iniciar o ato de ler, aprofunda-se e realiza-se no processo de escolarização formal e informal, no convívio familiar e social, sendo ampliado a partir da sistematização desse aprendizado em sala de aula. Por isso, ler é mais do que um processo individual, caracterizando-se como um instrumento social importante para a ampliação dos conhecimentos humanos, levando os sujeitos a adquirirem novas percepções diante da realidade social ocasionando em tomada de decisões, em um posicionamento crítico e reflexivo dessa realidade.

Para Balça e Pires (2012), quando falamos de leitura falamos também da promoção e da formação de leitores, nomeadamente de leitores literários, e da promoção de uma educação literária. Ainda, segundo a autora, a educação literária decorre da necessidade de levar, em primeiro lugar, o aluno a fruir de uma experiência estética com a literatura para uma experiência leitora, pois falamos da escolarização da relação entre texto literário e leitor.

Compreendemos assim, que a leitura é fundamental para a promoção do ato de ler, uma vez que o cotidiano do aprendiz está interligado no processo de conhecer e interpretar as palavras contidas no mundo escrito e real. Ler significa um dos grandes atos da civilização humana que precisa ser constantemente praticado para a apropriação de diferentes saberes no meio social.

O ato de ler vai além da decodificação da palavra propriamente dita, sendo o ato de entender, interpretar, questionar, comparar, influenciar e ser influenciado, difundir e perceber o que se consegue analisar, discernir e relacionar a partir de uma determinada leitura. A leitura requer então ao leitor, saber o que quer, o que sabe, o que pensa, o que é capaz de imaginar diante do que é visto e está presente nesse mundo ficcional e ao mesmo tempo com elementos da realidade identificados por quem lê, o que torna a leitura mais significativa e interessante.

Dessa forma, a leitura não deve ser imposta, ditada pela escola, pelo professor, com regras estabelecidas para essa leitura, visto que o leitor precisa estar a par do que vai ler, participar do processo de tomada de decisão e escolha dessas leituras, mediada pelo docente ou outro mediador capaz.

Neste sentido, o ato de ler deve ser iniciado a partir do gosto pessoal do aluno e estimulado desde os anos iniciais da infância, proporcionando à criança leitora a liberdade de escolher a obra literária a ser lida, compartilhar informações junto com os colegas sobre a leitura realizada e tecer comentários pessoais diante dela, pois as suas impressões são fundamentais para a aquisição da leitura reflexiva, crítica e participante.

O leitor, ao apoiar-se na fruição estética do texto lido, é capaz de estabelecer uma vivência significativa na sua apropriação, sendo mediado por quem entende esse processo de compreensão leitora na escola: o professor. Assim, o docente precisa assumir verdadeiramente

a função de mediador da leitura em sala de aula para facilitar e promover a leitura de forma participativa, interessante e compreensiva. Esse professor não deve ser apenas um observador da atividade, mas precisa estar envolvido nas situações de leitura e suas estratégias leitoras, sendo um co-participante e mostrando o valor da leitura para os alunos.

O momento na sala de aula deve ser único e especial, tendo em vista a troca constante de conhecimentos construídos, oportunizando a participação de todos a aprender de maneira consciente e satisfatória, o que vai sendo ensinado e compartilhado conjuntamente.

Nas dependências da escola, podem existir outros espaços que podem ser utilizados para diversificar a prática de leitura, como: biblioteca, pátio, parque, quadra, sala de informática e entre outros. Se cada local desse for explorado adequadamente, amplia-se as formas de trabalho com a leitura, sendo que todos tendem a aproveitar melhor este momento rico e prazeroso de construção de novas aprendizagens. O diálogo do professor com a classe é fundamental para que se construa a troca de experiências, permitindo que ambos cresçam juntos.

A leitura é um fator determinante do êxito ou fracasso escolar do aluno. Aquele que consegue ler melhor tem mais chances de desenvolver suas capacidades cognitivas, enquanto o que menos sabe, terá mais dificuldades no processo de aquisição do conhecimento. Se esta não for trabalhada de forma lúdica e interativa, tendo o docente como mediador principal deste processo, não trará nenhum sentido na construção dos valores ético-morais dos educandos, tendo a formação crítica afetada mediante a falta de compreensão diante dos textos lidos.

O professor não pode ficar passivo ou receptivo diante da leitura, precisa aprender a ler, posicionar-se, compartilhar o que aprendeu com o outro e atribuir sentido diante do que lê, formando-se enquanto leitor crítico capaz de modificar e formar novos conceitos sobre o meio social. Não pode depender exclusivamente da escuta do texto lido pelo professor, motivo pelo qual tende a fracassar nas demais disciplinas que utilizam-se da leitura como meio primordial para o processo de ensino e aprendizagem.

Então, a prática de leitura escolar deve ser dinâmica, motivacional e interacional, para que o aluno processe e construa significados para o que ler. Deve ser mediada como o propósito de compreensão da vida, utilizada de forma criativa e diversificada, representando assim a forma de pensar, agir e sentir do aluno em seu processo de formação cidadã. O docente deve desenvolver uma postura dialógica com os textos, incluindo a mobilização de várias estratégias de leitura para que o discente possa realmente compreender o que leu e compartilhar o aprendizado em diferentes contextos comunicativos. Nesta referência, Silva (2008, p. 46) esclarece que

A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo, se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas.

Notadamente, a literatura ocupará lugar de excelência se houver, de fato, um espaço para esse fazer. A dinâmica e o caminho mostrado sobre a literatura, permitirá que os leitores/sujeitos denotem ou não sua sensibilidade e conhecimento. Daí a importância de o docente incentivar a promoção da leitura como prática escolar eficiente para produção de conhecimentos, construindo metodologias inovadoras que permitam o sujeito aplicar os conhecimentos linguísticos e discursivos abstraídos da leitura em seu processo de formação cidadã.

Entendemos o espaço escolar como um ambiente de apropriação e adequação do discurso literário. Assim, o objeto artístico original (o texto literário) se curva a um contexto em

que imperam representações, as quais sugerem aos leitores escolarizados passagens entendidas como importantes da nossa história, além de valores e comportamentos; também é seu objetivo mostrar como tais particularidades interferem no contexto atual.

A leitura, sob essa ótica, seria a possibilidade de diálogo entre as obras literárias, sobretudo as canônicas, e o leitor. Pelo exposto, inferimos que a escola trabalha a partir de uma perspectiva interpretativa, mas também associada às transformações sociais e culturais pelas quais passamos.

Isso significa que instrumentos escolares atuam como controladores do saber, através de suportes os quais introduzem valores políticos, ideológicos, culturais e mercadológicos. Estes valores interferem e influenciam diretamente nas políticas educacionais por meio dos métodos de ensino, materiais didáticos e currículos escolares. Dentre eles, o livro didático sagra-se como principal instrumento, capaz de propagar a ideologia política do país, no contexto escolar.

Desse modo, o ensino de literatura na escola permite uma abertura na relação do objeto literário entre o mundo que este representa (o artístico, o ficcional, o poético) e o mundo dos leitores reais. Isso não significa julgar as ações que envolvem tais procedimentos, mas buscar entender como ocorrem as transformações no espaço escolar, no que diz respeito à leitura literária, e como isso interfere na formação de leitores e ainda se efetivamente formar leitores.

Por outro lado, a definição do que seja educação literária nos convida a pensar na existência de modelos de educação literária, sobretudo o que é adotado pelo sistema político educacional brasileiro. Para denotar de forma mais consistente o conceito de educação literária, discorreremos sobre o que dizem Balça e Pires (2012, p. 116):

Quando falamos de leitura nas nossas salas de aula, devemos falar também em promover e formar leitores, leitores literários, e isto só é concretizável através de uma educação literária de qualidade que nós, como profissionais de educação, temos de assegurar. Hoje em dia, a literatura tem um papel essencial no que toca à partilha de valores, saberes, conhecimentos que nos ajudam a refletir sobre o mundo.

Ou seja, educar literariamente um sujeito significa torná-lo cidadão, conscientizá-lo do seu lugar social, provocando sua criticidade ao realizar suas leituras de (ao) encontro do mundo. Significa posicionar-se a partir de conhecimentos construídos com a experiência literária e assim criar condições para defender seus pontos de vista e, principalmente, criar e depois exercer o gosto pela leitura, pois a experiência literária seria capaz de incentivar a sensibilidade do leitor, aproximando-o de situações que ele desconhece.

A competência da leitura literária está associada a diversos níveis do saber; assim sendo, é preciso que o indivíduo aperfeiçoe e desenvolva tal ato. Neste sentido, a leitura deve ser vista como um instrumento capaz de elevar o homem intelectualmente, o que resultará em seu destaque perante a sociedade, pois, segundo Zilberman (2012, p. 36), tal domínio é uma “descoberta de mundo” e traz distinção entre as pessoas. Esse tipo de leitura supera o ato de decodificar, pois exige um amadurecimento por parte do leitor.

O LEITOR LITERÁRIO: CONSTRUÇÃO DESSA IDENTIDADE

Os leitores constroem significados sobre o que ouvem ou leem usando seus conhecimentos prévios e construindo significados a partir da interação com outras crianças e adultos. Logo, a forma dos professores de como trabalhar o texto literário no contexto escolar

deve sofrer mudanças, também devem se atualizar, não se pautando na concepção tradicional da prática leitora, centradas na visão do professor, mas variando de acordo com a perspectiva social e cultural e de formação do sujeito.

Sobretudo, é importante salientar que a formação do leitor literário está intrinsecamente ligada ao processo de formação dado por meio do professor, mediador, a fim de tornar a criança familiarizada com o texto literário. Essa proposição, certamente, permitirá a aquisição de autonomia.

Em vista disso, Colomer (2003, p. 68) contribui com nosso pensamento quando afirma:

Ler enriquece a todos até certo ponto, mas, como diz o escritor catalão Emili Teixidor, para certas obras o leitor não apenas precisa de ajuda, mas um certo ‘valor moral’, uma disposição de ânimo de ‘querer saber’. Nem todo mundo, nem sempre, o deseja. É útil pensar a educação literária como uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipo e valor muito variáveis. A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo.

Levando em consideração esses aspectos, o mediador tem papel preponderante no processo de aproximação com o gênero literário, sob a forma de experiências e interações. O contato da criança com a literatura infantil deve ocorrer de forma precoce e diária, para que esta possa alargar as experiências de leitura, configurando-se como um “andaime” no conhecimento do mundo que a rodeia, tal como enuncia Balça e Pires (2012).

De acordo com Colomer (2003) o interesse da formação literária na escola não tem como raiz a transgressão de um discurso estabelecido sobre as obras, mas que a educação literária serve para que as novas gerações ingressem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídos e interpretados as ideias e os valores que a configuram.

Colomer (2003, p. 96) afirma que “o texto e o leitor interagem a partir de uma construção de mundo e de algumas convenções compartilhadas”. Assim, ler é interagir, é lançar um olhar sobre os dizeres do outro e, mais do que isso, é compreender o que foi dito e dialogar com a produção textual realizada por alguém em outro contexto, a partir de outras vivências e modos de pensar e agir, muitas vezes, diferentes do pensamento e formas de agir do leitor.

A ESCOLA E SUA RESPONSABILIDADE LEITORA

A formação do leitor é um processo contínuo e deve ser prazeroso. No atual cenário escolar, ainda perduram muitas práticas de leitura baseada na decodificação da palavra. A mediação é estabelecida por meio de um monólogo, geralmente intermediado pela voz do professor e guiado pelas respostas do livro didático, tendo a opinião do autor como o único sentido textual que precisa ser respeitado e reproduzido. A precoce imersão da criança no mundo dos livros e o convívio assíduo com a sua realidade são formas de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura.

Assim, quem ler, enriquece o seu vocabulário, melhora a sua ortografia, aperfeiçoa a sua capacidade de escrita e amplia permanentemente os seus horizontes culturais.

O encantamento, a oralidade, o prazer, muitas vezes são perdidos ou até mesmo esquecidos pelos mediadores de leitura que reduzem a história a simples leitura de um texto.

Busatto (2006, p. 10) diz:

(...) ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete àquela figura ancestral, que ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade.

Dessa forma, fica evidente a existência de uma única forma de abordagem textual e apenas um sentido mediante a interpretação a ser alcançada. Geralmente ao término da leitura, é cobrada atividades dirigidas e preenchimento de fichas de fácil assimilação, atividade que conduz o aluno à própria desmotivação.

A prática de sala de aula, não apenas a aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos (...), na maioria dos casos, um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa a ser a versão autorizada do texto (Kleiman, 2008, p. 24).

Assim, o uso inadequado do livro didático acaba prejudicando a interação do texto em sala de aula, inibindo a própria capacidade do aluno no processo de interpretação. Esta tentativa de reprodução do discurso do autor é uma prática equivocada de leitura significativa, impedindo o desenvolvimento da formação crítica do aluno em atribuir sentido ao que ler. Portanto, a experiência do leitor deve ser considerada para a construção de significados do texto que deve ser mediado, valendo-se da discussão crítica entre professor e aluno na apreensão dos sentidos textuais.

Acredita-se que os problemas sociais só serão resolvidos com a participação de cidadãos leitores bem formados e conscientes de sua responsabilidade dentro da sociedade. É desta maneira então, que se acredita na formação do leitor na sua continuidade ao longo da vida, para que não se limite a decodificação somente das palavras, e sim que atinja a complexidade leitora que os textos trazem. Um desabrochar de um leitor comprometido com sua leitura, tornando-se um leitor proficiente.

De acordo com Pontes (2012, p. 17), “É da escola a responsabilidade pelo ensino da leitura e da escrita, e é nela que o acesso aos saberes e aos conhecimentos diversos é dinamizado, democratizado e possibilitado. Sendo assim, a leitura na escola deve ser prática constante dos profissionais que nela atuam”. Assim, constatamos que a escola não cumpre bem o seu papel quanto a delimitação dos campos de ação, principalmente no que se refere à leitura conforme Pontes (2012, p. 30) também esclarece:

A escola deve ser o espaço de revitalização da leitura, deve constantemente vivenciar essa prática como sendo uma atividade estimuladora e socializada de maneira agradável e prazerosa, envolvendo representações, subjetividades, desvendamento de significados, conhecimentos diversos e uma interação textual constante.

Acerca do exposto, consideramos relevante mencionar que a leitura deve ter espaço preponderante para o fazer leitor. Logo, por meio desta, a estimulação é pautada de maneira a

dar ênfase às falas e suas representatividades em diálogo com o texto literário. Quando se propõe a leitura dentro do espaço escolar, habilidades são tecidas em fios capazes de dar denotações à identidade leitora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às discussões sobre a educação e a formação de leitores literários infantis, este estudo se aprofundou nas reflexões contemporâneas acerca da leitura, literatura, formação leitora no espaço escolar a partir das contribuições dos livros disponibilizadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Literário). Ao longo deste trabalho, exploramos as complexidades e as potencialidades desse Programa na promoção da formação de leitores literários entre as crianças brasileiras. Logo, ficou claro que a literatura infantil desempenha um papel fundamental na construção do leitor literário desde as fases iniciais da educação. Ela não apenas introduz as crianças ao universo da leitura, mas também as envolve em narrativas que instigam a imaginação e estimulam o pensamento crítico.

Para tanto, traçamos o referencial teórico utilizado para toda travessia conceitual concernente à literatura no contexto da formação do leitor literário na escola, fortalecendo a importância da literatura no contexto escolar. Além disso, no que tange ao objetivo geral desta investigação, é salutar mencionar que a análise realizada permitiu uma verificação acerca das potencialidades das obras do PNLD Literário do ano de 2018 para contribuição da formação do leitor literário infantil.

Os resultados desta pesquisa destacam a importância do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) como uma iniciativa fundamental no contexto educacional brasileiro. Através do PNLD Literário, as escolas públicas têm acesso a obras literárias de alta qualidade que não apenas educam, mas também inspiram crianças a se tornarem leitores literários competentes e críticos.

Consideramos pertinente destacar que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Literário) contribui para a compreensão da formação de leitores críticos ao apresentar obras de qualidade, que desafiam o pensamento e despertam a curiosidade da criança leitora. A presença de autores consagrados e novos talentos enriquece o panorama literário infantil e oferece variedade de perspectivas. No entanto, é importante destacar que a formação do leitor literário não é uma tarefa que se esgota nas páginas dos livros. Os educadores desempenham um papel essencial ao orientar e incentivar a leitura, ajudando as crianças a interpretar e apreciarem as obras de forma mais profunda.

Um dos desafios enfrentados no contexto da formação do leitor literário é a necessidade de capacitar professores para que possam melhor orientar seus alunos. É crucial investir em programas de formação continuada que os preparem para utilizar as obras do PNLD Literário de maneira eficaz.

Desse modo, é importante reconhecer que esta pesquisa não esgotou todas as possibilidades de análise das obras do PNLD Literário de 2018, pois existem inúmeras percepções que podem ser investigadas em estudos futuros. Além disso, as análises podem se aprofundar em categorias específicas, como a representação de gênero, a diversidade cultural ou o uso de recursos narrativos. Essas lacunas apontam para a necessidade de pesquisas futuras que possam ampliar o entendimento sobre como a literatura infantil impacta a formação do leitor literário.

Assim, a pesquisa também poderá ser ampliada para incluir uma análise mais abrangente das políticas públicas relacionadas à literatura infantil no Brasil, bem como uma avaliação do

impacto dessas políticas na formação de leitores literários. Investigar como as obras de literatura infantil são selecionadas para o PNLD Literário e quais critérios são adotados também poderia fornecer insights valiosos para futuras pesquisas.

Por isso, faz-se importante promover a leitura fora do ambiente escolar, envolvendo os pais e a comunidade. Campanhas de incentivo à leitura e a criação de espaços de leitura acessíveis podem ampliar o impacto da literatura infantil. A diversificação do acervo de literatura infantil também merece atenção. O PNLD Literário deve continuar a buscar obras que representem diferentes culturas e perspectivas, enriquecendo ainda mais a experiência de leitura das crianças.

Em síntese, esta pesquisa reforçou a ideia de que a literatura infantil é uma ferramenta valiosa para a formação do leitor. Os livros têm o poder de moldar as percepções, os sentimentos e o pensamento das crianças, preparando-as para se tornarem leitores críticos e conscientes. Sobretudo, em um mundo cada vez mais digital, é importante considerar como a tecnologia pode ser usada de forma construtiva na formação de leitores literários. E-books, aplicativos interativos e recursos multimídia podem ser incorporados de maneira criativa para estimular o interesse pela leitura.

Diante de tudo que foi analisado, é essencial que os educadores, os pais e todos aqueles envolvidos na educação das crianças compreendam o valor da literatura infantil e a utilizem de maneira eficaz para nutrir a formação do leitor. Esperamos que os resultados deste estudo inspirem investigações adicionais e promovam uma maior valorização da literatura infantil nas políticas educacionais do Brasil. A formação de leitores literários é uma jornada contínua, e a literatura infantil desempenha um papel central nessa jornada, enriquecendo a vida das crianças e preparando-as para um futuro de aprendizado e reflexão contínuos.

REFERÊNCIAS

BALÇA, Ângela; PIRES, Maria da Natividade. **O Ensino da Leitura Literária na Escola, em Portugal: do discurso oficial às práticas.** Nuances: estudos sobre educação, Presidente Prudente: UNESP, n. 22, p. 92-104, Presidente Prudente, UNESP, jan. 2012.

BATISTA, Maria Carmem Silva. **As Metodologias Ativas e a BNCC: contribuições e implicações para a formação do leitor literário.** Revista Ft, Rio de Janeiro/RJ, vol 27, edição 121, 42 - 56, abr., 2023.

BATISTA, Maria Carmem Silva. **Literatura infantil: construindo significados e despertando o imaginário.** Dissertação (Mestrado em Educação), profletr@s, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, p.110. 2015. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. 2020. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BRASIL, Presidência da República. Ministério da Educação. PNLD 2018: guia de livros didáticos - Educação Infantil/ Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2018.

BUSATO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI.** Petrópolis, RJ: 2006.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2003.

FERREIRA, Nathalia Bezerra da Silva; PONTES, Verônica Maria de Araújo. “De Nome Filhote”, De Marina Colasanti: Formando leitores e discutindo a condição feminina. *Revista Humanidades e Inovação* v. 8, n. 38, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/search/authors/view?givenName=Ver%C3%B4nica%20Maria&familyName=de%20Ara%C3%BAjo%20Pontes&affiliation=IFRN&country=BR&authorName=de%20Ara%C3%BAjo%20Pontes%2C%20Ver%C3%B4nica%20Maria>.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11. ed. Campinas, 2008.

Plataforma pró-livro | **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>. Acessado em: 18 jun. 2024.

PONTES, Verônica Maria de Araújo. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil**. Curitiba: CRV, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Literatura e Pedagogia: reflexão com relances de depoimento. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global; Campinas: ALB - Associação da Leitura do Brasil, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2012.

| Submetido em: 3/4/2024

| Aprovado em: 6/6/2024

| Publicado em: 6/7/2024